

8 Considerações e reflexões finais

A presente pesquisa, acerca da natureza dialógica e polifônica das práticas discursivas, buscou investigar as vozes envolvidas no ensino de gramática da língua portuguesa, com o intuito de perceber como essas vozes referem-se ao mesmo universo discursivo. Buscou-se também caracterizar os conteúdos ideológicos veiculados por essas vozes, bem como descrever, em traços gerais, o ensino de gramática da língua portuguesa em nossas escolas e propor novas perspectivas.

Um aspecto significativo desse estudo foi a compilação de um *corpus* que contemplasse as diferentes vozes que participam do discurso pedagógico. Recuperei a fala dos alunos, nem sempre valorizada no processo educacional, e procurei ouvir não só o aprendiz motivado, mas aquele que, segundo as professoras, demonstrasse pouco interesse pelas aulas. Cremos que essa pesquisa venha trazer contribuições relevantes para a compreensão do discurso pedagógico relacionado ao ensino de gramática do português, na medida que abre espaços para as vozes de todos os sujeitos discursivos que participam do processo educativo em questão: do sistema educacional através dos PCNs; da escola, através de seus representantes; das professoras; dos alunos e dos representantes da família de alunos de duas instituições escolares, uma privada e uma pública.

A existência de elementos dialógicos e polifônicos no discurso humano, reconhecida por Bakhtin (2000), é confirmada por esta pesquisa, visto que pude observar o jogo discursivo das diferentes vozes refletido no discurso pedagógico sobre o ensino de gramática da língua portuguesa. Este discurso caracteriza-se por trocas interacionais entre os diferentes participantes, o que nos permite ressaltar sua multiplicidade e sua intertextualidade, ou seja, o discurso pedagógico é polifônico, formando uma rede discursiva tecida por múltiplas vozes.

Tomando emprestadas as palavras de Bakhtin, as vozes que compõem o discurso pedagógico “conhecem-se” umas às outras, “refletem-se mutuamente” (Bakhtin, 2000:316), tecendo a polifonia de seus discursos. No entanto, também ficou explicitado através da análise que, ao lado das vozes que ecoam simultaneamente, há

outras vozes que se distanciam e quase se despersonalizam. O discurso dos PCNs e das escolas apresentam fortes ressonâncias dialógicas, mas o mesmo não se verifica em relação ao discurso das professoras. Como discutido anteriormente, em alguns momentos, podemos perceber ecos da voz dos PCNs e da voz da escola no discurso das professoras. Entretanto, podemos verificar também que, em outros momentos, o discurso das professoras contradizem-se ou apresentam ecos muito distantes do discurso dos PCNs e mesmo do discurso das escolas. Nesse caso em que os discursos pouco ou quase nunca deixam entrever a presença de outras vozes, parece-me, que as concepções de língua, gramática, ensino de língua e posicionamentos ideológicos das professoras interferem na teia polifônica que se instaura no discurso pedagógico, interrompendo a cadeia discursiva, mas ao mesmo tempo, trazendo novas contribuições para ele.

Na trama discursiva das diferentes vozes que constituem o discurso pedagógico, podemos observar discursos que ressoam simultaneamente, fruto de um compartilhamento de valores entre as vozes e discursos que se contradizem. Em outros casos, há discordância entre os sujeitos-falantes quanto às concepções que norteiam seu fazer pedagógico.

O que pretendo afirmar é que a visão de mundo e as concepções de cada sujeito-falante influenciam sua atividade discursiva e sua prática pedagógica. E como foi verificado nesse estudo, um determinado discurso se interrelaciona dialogicamente com outros discursos, com os quais dialoga a respeito de concepções e ideologias. Assim, a cadeia discursiva mantém-se sempre contínua.

Os resultados da pesquisa apontam para uma “lógica” na trama dialógica e polifônica do discurso pedagógico. Primeiramente, ele não é um discurso neutro e tampouco monofônico. Ao contrário, reproduz os valores e as concepções das vozes que estejam envolvidas em sua tecitura. Segundo, a influência de outras vozes no discurso de um determinado sujeito-falante deve-se a um compartilhamento de concepções e ideologias. Quando estas concepções variam de um locutor para outro, percebe-se um distanciamento ou um silenciamento da voz de um no discurso do outro.

Posso exemplificar o que acabei de ressaltar, afirmando que entre o discurso das escolas e o discurso dos PCNs, verifiquei uma certa simetria de vozes justificada pela semelhança de suas concepções. Por outro lado, a presença da voz dos PCNs, e até mesmo das escolas, é muito pouco marcada no discurso das professoras, isto porque há uma divergência de concepções de língua, gramática e ensino de língua entre estes discursos.

No discurso do aluno, pude observar uma influência muito forte do discurso da professora e da família. Quando o aluno tem o que dizer, observam-se ecos do discurso da escola, da professora e da família, sendo a voz da professora predominante no seu discurso.

Neste ponto, cabe mencionar uma limitação desta pesquisa. Não observei as concepções de língua e de gramática dos alunos durante a coleta de dados, até mesmo porque não direcionei a entrevista de forma a percebê-las no discurso de todos os alunos entrevistados, embora possa vislumbrar em alguns discursos um posicionamento acerca dessas concepções. Por outro lado, devido à sua faixa etária e escolar, e devido à limitações quanto a conhecimentos lingüísticos, os alunos entrevistados talvez não fossem capazes de expressar estas concepções, mesmo que tivessem sido perguntados a este respeito. Outra limitação diz respeito à voz das famílias que, na pesquisa, foi representada por apenas duas mães. Por esta razão, não pôde ser muito explorada.

Outro aspecto observado nos diferentes discursos que compõem o discurso pedagógico foi a presença de ecos de um modelo tradicional de ensino de língua, mesmo diante das inúmeras contribuições das novas teorias lingüísticas. No item 6.2, que trata das finalidades do ensino de gramática, pudemos observar uma tendência mais tradicional das diferentes vozes. Estas dão um super poder para a gramática normativa. Em contrapartida, no item 6.3, referente ao conteúdo do ensino de gramática, as vozes advogam por mudanças, por uma reformulação dos conteúdos gramaticais. Pudemos também perceber que as diferentes vozes defendem a competência discursiva no ensino de língua portuguesa, negando a visão tradicional do ensino de gramática observada no item 6.2. Em virtude disso, não estaria exagerando ao afirmar que a escola, as professoras e mesmo os alunos já têm tomado

consciência da necessidade de se repensar o ensino de português, que não pode ser baseado apenas nos preceitos da gramática normativa. Essa tomada de consciência, acredito eu, constitui-se em um significativo ganho. Entretanto, precisamos de mudanças concretas e é neste ponto que esbarramos em duas questões importantes a serem pensadas por todos nós:

1^a) os professores ainda não sabem como aproveitar, na prática de sala de aula, as contribuições da lingüística e da lingüística aplicada no ensino de gramática;

2^a) a escola não é uma instituição neutra, ao contrário, reproduz e legitima as crenças, valores e normas dominantes.

Para que conquistemos um ensino de língua portuguesa que não seja confundido com ensino de gramática, mas que ao contrário, contemple as práticas de leitura, de produção de textos e de análise lingüística, necessita-se que a sociedade, a escola – nela incluídas a direção, a coordenação, a supervisão, os professores e os alunos – e a família participem da elaboração e implementação dessas mudanças. Será em vão trabalhar com os alunos o uso e adequação das variedades lingüísticas, por exemplo, se eles ou mesmo a família desses alunos acreditarem que “brasileiro fala tudo errado”.

Acredito que o primeiro passo a ser dado rumo a um ensino de língua materna significativo e de qualidade seria uma proposta de reformulação das concepções de linguagem, língua, gramática e ensino de língua daqueles envolvidos no processo de aprendizado da língua portuguesa. *O sistema educacional e a sociedade precisam **caminhar** juntos, enxergar uma mesma paisagem.*

Um exemplo claro em direção a uma proposta de mudança foi o que aconteceu alguns anos atrás na escola particular investigada nesta pesquisa. A gramática deixou de ser a espinha dorsal do ensino de língua portuguesa nesta escola, direcionando o seu ensino para o desenvolvimento da competência discursiva dos aprendizes, por meio das práticas de leitura e de produção de textos. A gramática era ensinada a partir das necessidades dos alunos, necessidades estas verificadas por meio das suas produções escritas. Não eram priorizadas as definições e nem a nomenclatura da gramática normativa. Segundo depoimento da coordenadora, neste período, a escola enfrentou uma série de dificuldades, devido à insegurança e à

cobrança dos pais e dos próprios alunos que não acreditavam no ensino de língua portuguesa em que não se priorizasse os tópicos gramaticais.

Em decorrência das exigências das famílias, o colégio voltou a incorporar a gramática normativa em seu ensino, embora a coordenadora reconheça a necessidade de “soltar um pouco mais a questão da gramática”. Este é um exemplo típico de como a escola não é neutra e cede às pressões da sociedade. Por esta razão, reafirmo a importância de uma mobilização de todos os envolvidos no processo educacional visando a implementação das mudanças no ensino de língua. É completamente infrutífero efetuar mudanças que não abarquem a sociedade como um todo. Isto porque, no que tange ao ensino de língua portuguesa, a abordagem prescritiva ainda prevalece. Assim, o ensino de língua fica reduzido ao ensino de tópicos gramaticais, sem que a prática de análise lingüística aconteça. Consequentemente, verifica-se a valorização da modalidade escrita da variedade padrão, a garantia de status social para aqueles que a conhecem e a praticam e a manutenção do ciclo vicioso do preconceito lingüístico. O ensino de língua baseado apenas no estudo da gramática normativa reitera velhos preconceitos lingüísticos, solidifica a crença de que o português é um sistema rígido de normas e estimula o sentimento de incompetência dos alunos que acreditam nada saber sobre a sua língua nativa.

Parece-me indispensável diferenciar a concepção limitada e preconceituosa da linguagem de uma concepção fundamentada na natureza histórica, social e ideológica da linguagem e na construção social dos significados (cf. capítulo 2). Favorecer a construção de um entendimento amplo e efetivo dos fenômenos lingüísticos me parece ser o caminho que deverá ser percorrido rumo a um ensino de língua que privilegie a elevação do nível de letramento dos aprendizes, o desenvolvimento da competência discursiva e a construção de conhecimento de princípio.

Outra questão que ficou muito forte em nossa pesquisa é que todos os participantes deste estudo buscam o desenvolvimento de competências de diferentes tipos, através do aprendizado da gramática.

A figura 8, abaixo, ilustra o tipo de competência valorizada pelas vozes discursivas envolvidas no ensino de gramática da língua portuguesa.

Voz discursiva	Tipo de competência
PCNs	Competência discursiva
Escola particular	Competência discursiva
Escola municipal	Competência discursiva
Professoras	Competência gramatical Competência discursiva
Alunos	Competência gramatical Competência discursiva
Família	Competência gramatical

Figura 8: A competência no ensino de gramática

Nesta pesquisa, constatamos que os PCNs e a escola, por meio de suas representantes, valorizam o desenvolvimento e ampliação da competência discursiva de seus alunos. Quanto às professoras, algumas privilegiam a competência discursiva, enquanto outras investem na competência gramatical de seus alunos. A família também preconiza a importância da competência gramatical que é reconhecida e desejada pelos alunos, ao lado da competência discursiva. A importância dada ao desenvolvimento da competência gramatical é reconhecida pelas professoras e pelas famílias por acreditarem que este tipo de competência possibilita a correção na fala e na escrita e aumenta a possibilidade de se conquistar sucesso profissional. A gramática, assim, assume ares de senhora absoluta e indispensável ao domínio do português.

já ficou mais do que provado que o ensino tradicional, conservador, preconceituoso, não dá resultado nenhum. As pessoas saem da escola depois de onze anos de estudo sem conseguir escrever com tranquilidade e segurança um texto qualquer de quinze linhas. A baixa auto-estima lingüística fica evidente nas declarações tão comuns de tanta gente inteligente que diz "eu não sei português". Ora, se não soubesse, não teria

produzido essa simples frase... A tarefa do professor será justamente elevar a auto-estima lingüística do futuro cidadão, mostrar a ele que ele *já sabe português desde o berço*, e que sua língua materna é tão valiosa quanto a língua que ele vai aprender na escola (Bagno, 2000) (grifos do autor).

Os resultados também apontam para o fato de que a motivação e o interesse pelo aprendizado da gramática dependem dos procedimentos metodológicos adotados pela professora e pelos aspectos relacionais e afetivos entre professora e alunos.

Antes de iniciar a coleta de dados, acreditava que o desinteresse dos alunos pela língua portuguesa era fruto de um ensino de língua baseado apenas nas normas, definições e nomenclaturas da gramática normativa, cuja complexidade e distanciamento da realidade lingüística do país provocavam nos alunos reações do tipo “odeio português”, “não sei português”, “português é muito difícil”. Foi grande a surpresa quando me deparei com os dados da pesquisa que me apontavam justamente uma nova percepção do processo ensino-aprendizagem da gramática da língua portuguesa. Pude reconhecer que existe uma relação direta entre motivação, postura metodológica, aspectos interacionais e aprendizagem significativa. Ou seja, a motivação dos alunos rumo a um aprendizado de qualidade está na dependência de um posicionamento pedagógico que considere os procedimentos metodológicos e os fatores relacionais. A complexidade e o grau de dificuldade apresentados pelos conteúdos gramaticais não são os fatores preponderantes para desencadear o desinteresse e a desmotivação do aluno. Ao contrário, são as práticas rotineiras e tradicionais de ensino, bem como uma relação professora-alunos negativa ou pouco cuidada as responsáveis pelo desinteresse do aluno e seu eventual fracasso intelectual.

As vozes dos PCNs e dos alunos compartilham o mesmo universo discursivo referente a essa questão do desinteresse do aluno: a metodologia utilizada pelo professor, como também a natureza da relação professor-aluno são fatores essenciais ao bom andamento do processo educativo. Em outras palavras, seus discursos compartilham a crença de que os aspectos metodológicos e interacionais despertam o interesse do aluno para o aprendizado. No entanto, suas vozes ecoam com maior veemência a convicção de que o aspecto interacional é ainda mais decisivo para o sucesso da aprendizagem. Outras vozes analisadas nos contextos

enfocados nesta pesquisa compartilham esta convicção. Uma professora da escola particular reconhece, assim como os PCNs e os alunos, a influência dos procedimentos metodológicos e dos aspectos interacionais no êxito do processo educativo. O discurso da vice-diretora da escola municipal faz coro às vozes dos PCNs e dos alunos quanto à importância da relação professor-aluno em criar um clima favorável para a aprendizagem. Uma professora da mesma instituição acredita que a desmotivação do aluno é fruto de uma prática metodológica tradicional, o que vai ao encontro dos discursos dos PCNs e dos alunos.

Espero que a discussão da teia polifônica que caracteriza o discurso pedagógico possa ter possibilitado uma maior compreensão das concepções e dos posicionamentos ideológicos que norteiam o ensino de gramática. Partindo da premissa de que é preciso primeiramente conhecer para depois refletir, sugerir e implantar mudanças, espero que eu possa, através deste estudo, provocar pesquisadores e professores no sentido de repensar o ensino de língua portuguesa, de forma que este considere a vida e o fazer pedagógico conjuntamente. Assim, estaremos também (re)pensando a importância da competência discursiva, da variação lingüística e da prática de análise lingüística como pontos fortes a nortear o ensino da língua portuguesa. Finalmente, por meio desta pesquisa, através da análise das vozes que constituem o discurso pedagógico do ensino de gramática do português, espero contribuir para a área de estudos da linguagem, ampliando os conhecimentos sobre o ensino de gramática e o discurso pedagógico.